



Instituto BRASIL SOLIDÁRIO
educação - saúde - meio ambiente - cultura - inclusão social

BIBLIOTECA ESCOLAR

Contação de história e incentivo à leitura



ÍNDICE

Leitura

Imaginando o aprendizado	03
Algumas dicas importantes para os contadores de histórias	13
• adequação e preparação	14
• repertório.....	15
• memória	15
• presença	16
• olhar, corpo e gesto	17
• voz.....	17
• pausa e silêncio	18
• música	18
• participação dos ouvintes.....	19
• recursos de animação e livro	19
• indicações de livros	20

Literatura e arte para educadores

Imaginando o aprendizado

Depoimento de uma
educadora e contadora de histórias...

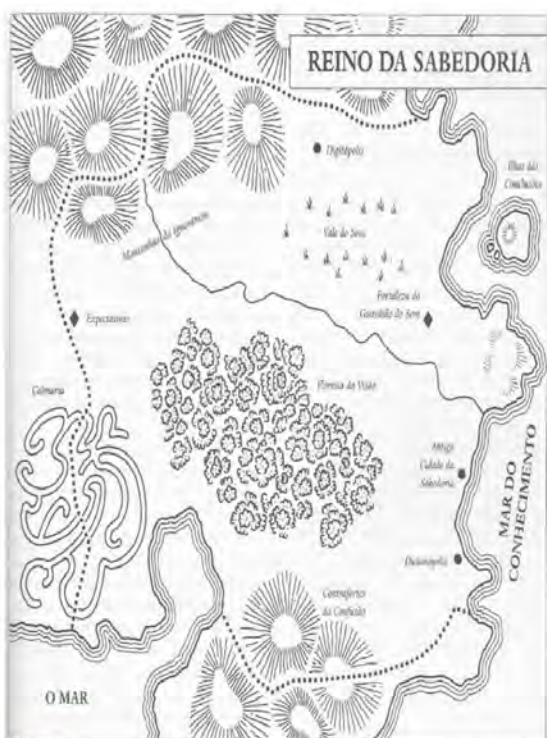
Reino da Sabedoria

"O acesso a ele se faz por um posto de pedágio. Os viajantes que desejam visitá-lo ganham um kit com mapas, moedas e um livro de regras; os resultados não são garantidos, mas a perda de tempo será reembolsada.

Outrora, o reino da Sabedoria era conhecido como Terra da Nulidade, uma região árida e assustadora, habitada pelos demônios da escuridão.

Conta-nos a história que um jovem príncipe cruzou o mar do Conhecimento em busca do futuro e reivindicou Nulidade em nome da bondade e da verdade. A velha cidade da Sabedoria, constantemente assediada por demônios, monstros e gigantes, tornou-se, sob seu governo, um reino próspero. Os dois filhos do príncipe partiram para fundar duas novas cidades: Dicionópolis, no sul, e Digitópolis, no norte, no sopé das montanhas da Ignorância. As novas cidades tornaram-se rivais após uma discussão sobre se palavras ou números eram mais importantes do que a sabedoria; a constante disputa levou o reino da Sabedoria à ruína. Contudo, as duas filhas adotivas do rei, Rima e Razão, à frente dos exércitos reunidos de Sabedoria, venceram a batalha final e restabeleceram a paz".

Verbetes do *Dicionário de Lugares Imaginários*



Em minhas andanças pelas livrarias de São Paulo (um dos meus passatempos preferidos) descobri, pousado sobre um balcão em meio a outros lançamentos literários, um dicionário de capa clara com um mapa em marca d'água por detrás do título.

O detalhe que me faz contar agora essa minha descoberta é que aquele dicionário não trazia verbetes sobre sinônimos, significados de palavras nem explicações sobre assuntos científicos; era um dicionário de "lugares imaginários" (MANGUEL, 2003). Mesmo ainda sem o ler, segurei-o em minhas mãos como um pequeno tesouro, passei a folheá-lo e, a cada página, mais absorta na leitura e alheia à movimentação da livraria fiquei.

Senti a necessidade imperiosa que os ávidos por livros, verdadeiros fetiches nas mãos de contadores de histórias, sentem quando encontram uma preciosidade, e "tive" que levá-lo para casa; só então pude olhar para ele e pensar: "enfim sós"!

Já na introdução, os autores explicam que o dicionário funciona como um guia para turistas que pretendem fazer uma viagem aos lugares imaginários da literatura mundial; os verbetes são repletos de mapas com instruções de como se chegar ao lugar indicado e têm, pasmem, dicas de alimentação e cuidados que se deve ter na chegada a certos lugares como, por exemplo, o *Reino da Sabedoria* (MANGUEL, 2003: 382). Enfim, puro deleite! Os autores da última edição (houve uma reestruturação em relação às outras) atestam que o universo imaginário do homem é tão vasto que ficaria impossível reunir todos os lugares imaginados em apenas um livro, sendo que a seleção dos lugares que mereciam estar registrados no pitoresco compêndio tinha sido uma tarefa complicada. A imaginação é mesmo um lugar de muitos ondes!

Assim como os gramáticos usam seus dicionários em seus estudos, consulto o dicionário de lugares imaginários para várias atividades em minhas aulas e narrações de histórias.

Aliás, em se tratando de aguçar os sentidos em suas sutilezas, o "objeto-livro" é uma fonte de sensações. Na verdade o prazer da leitura começa no ritual de se entrar em uma livraria, quando é possível sentir-se uma espécie de frenesi com a visão de todas aquelas prateleiras separadas por assuntos. Pode-se passar horas a fio em busca de títulos ainda não descobertos e, quanta emoção ao se encontrar "aquele" que deixamos de comprar há dez anos por qualquer motivo do qual nem nos lembrávamos mais! De qualquer maneira, algumas horas em uma boa livraria é garantia de sempre sairmos sabendo um pouco mais sobre alguma coisa.

Adquirido o livro, ao primeiro contato ele já ganha estatuto de objeto, de objeto-livro! Nossa relação com ele passa a ser sinestésica: nós o seguramos e sentimos seu peso e tamanho, depois passamos os dedos pela capa sentindo sua textura (algumas edições têm relevos convidativos), depois vem a apreciação dos detalhes da edição: cores, tipo de letras, gravuras, formatação, tipo de papel, etc. E a relação com o objeto-livro passa a ser também estética. Por fim, o cheiro. Cheiro de livro novo é cheiro de pão fresquinho, saído do forno. Mas há também o cheiro dos livros de sebos, que têm "o cheiro do armário da casa de nossa avó", como bem classifica um amigo meu. Acho a analogia olfativa perfeita.



O ritual de uma visita a sebos é diferente: geralmente estamos em busca de publicações antigas, que já conhecemos, ou vamos dispostos a um verdadeiro garimpo, de onde voltamos com as mãos grossas de pó, mas felizes de, mesmo após alguns espirros, finalmente ter encontrado algo.

Quanto ao sabor do objeto-livro, fica reservado às horas de degustação das suas linhas, salpicadas de palavras, como biscoitos finos a serem apreciados com um bom vinho, o vinho da imaginação.

Ainda sobre o estímulo aos sentidos que é um bom livro, lembro-me que certa vez fui contratada para contar histórias em uma escola de uma cidade do interior de São Paulo. A coordenadora de primeira a quarta séries, seguindo os preceitos escolares de que toda atividade deve ter uma "função pedagógica", pediu-me que contasse alguma história que incentivasse o gosto pela leitura nas crianças, pois minha atividade fazia parte da "semana da leitura" organizada pela escola. Fui então à procura do que me fora encomendado: não tinha idéia de como satisfazer a coordenação em sua expectativa tão didática. Para mim era claro que qualquer boa história bem contada já seria um incentivo à leitura, e certamente as crianças compartilhariam desse meu ponto de vista.

Depois de várias opções por mim descartadas, lembrei-me dos tão festejados livros de Monteiro Lobato e de sua mais famosa personagem: Emília. Quando criança havia lido, entre outros de Lobato, *A Reforma da Natureza*, e lembrei-me de um capítulo chamado *O Livro Comestível*.

Pensando na proposta da escola, que era a de estimular o gosto pela leitura, não tive dúvidas quanto à escolha, mesmo porque, independentemente de qualquer intuito pedagógico, Monteiro Lobato é sempre um "prato cheio" para qualquer contador. Vale a pena o registro do trecho do capítulo citado:

O livro comestível

A maior parte das idéias da Rã eram desse tipo. Pareciam brincadeiras, e isso irritava Emília, que estava tomando muito a sério o seu programa de reforma do mundo. Emília sempre foi uma criaturinha muito séria e convencida. Não fazia nada de brincadeira.

- Parece incrível, Rã! - disse ela. - Chamei você para me ajudar com idéias na reforma, mas até agora não saiu dessa cabecinha uma só coisa aproveitável - só "desmoralizações..."

- Isso não! A idéia das tetas com torneiras na Mocha foi minha e você gostou muito. A da pulga também.

- Só essas. Todas as outras eu tive de jogar no lixo. Vamos ver mais uma coisa. Que acha que devemos fazer para a reforma dos livros?

A Rãzinha pensou, pensou e não se lembrou de nada.

- Não sei. Parecem-me bem como estão.

- Pois eu tenho uma idéia muito boa - disse Emília - Fazer o livro comestível.

- Que história é essa?

- Muito simples. Em vez de impressos em papel de madeira, que só é comestível para o caruncho, eu farei os livros impressos em um papel fabricado de trigo e muito bem temperado. A tinta será estudada pelos químicos - uma tinta que não faça mal para o estômago. O leitor vai lendo o livro e comendo as folhas; lê uma, rasga-a e come. Quando chega ao fim da leitura; está almoçado ou jantado. Que tal?

A Rãzinha gostou tanto da idéia que até lambeu os beiços.

- Ótimo, Emília! Isto é mais que uma idéia-mãe. E cada capítulo do livro será feito com papel de um certo gosto. As primeiras páginas terão gosto de sopa; as seguintes terão gosto de salada, de assado, de arroz, de tutu de feijão com torresmos. As últimas serão as da sobremesa - gosto de manjar branco, de pudim de laranja, de doce de batata.

- E as folhas do índice - disse Emília - terão gosto de café - serão o cafezinho do leitor. Dizem que o livro é o pão do espírito. Por que não ser também pão do corpo? As vantagens seriam imensas. Poderiam ser vendidos nas padarias e confeitarias, ou entregues de manhã pelas carrocinhas, juntamente com o pão e o leite.

- Nem precisaria mais pão, Emília! O velho pão viraria livro. O Livro-Pão, o Pão-Livro! Quem souber ler, lê o livro e depois come; quem não souber ler come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos. Otimíssima idéia, Emília!

- Sim - disse esta muito satisfeita com o entusiasmo da Rã - Porque, afinal de contas, isso de fazer os livros só comíveis para caruncho é bobagem - podemos fazê-los comíveis para nós também.

- E quem deu a você essa idéia, Emília?

- Foi o raciocínio. O livro existe para ser lido, não é? Mas depois que o lemos e ficamos com a história na cabeça, o livro se torna uma inutilidade na casa. Ora, tornando-se comestível, diminuímos uma inutilidade.

- E quando a gente quiser reler um livro?

- Compra outro, do mesmo modo que compramos pão todos os dias.

A idéia, depois de discutida em todos os seus aspectos, foi aprovada, e Emília reformou a biblioteca de Dona Benta. Fez um papel gostosíssimo e de fácil digestão, com sabor e cheiro bastante variados, de modo que todos os paladares se satisfizessem. Só não reformou os dicionários e outros livros de consulta. Emília pensava em tudo.

A escolha foi acertada e "sacou" tanto as crianças quanto as professoras. Como procuro sempre desenvolver a narrativa das histórias com a participação das crianças, ao descrever os sabores das páginas pedi sugestões de outros novos; entre vários, eis alguns vindos de crianças de uma geração já um pouco distante da época de Emília: sabores de chiclete, de strogonoff, de chocolate, de big-mac, de batata frita, de pizza, de coca-cola, etc. Terminei a história, que foi contada na biblioteca da escola, com a proposta de uma brincadeira: durante a semana, as crianças, em uma visita à biblioteca e com a ajuda da professora e da bibliotecária, criariam um cardápio de leitura, com café da manhã, almoço e jantar, e cada livro teria um sabor de acordo com a refeição de que fizesse parte: leite, café, feijão, manteiga, etc. Na verdade devo confessar que a proposta surgiu em minha cabeça durante a atividade, quando vi todas aquelas estantes repletas de livros. Arrisquei a sugestão e o fato é que gostaram bastante da idéia. Algum tempo depois, voltei a essa escola e fiquei sabendo que o cardápio tinha sido adotado como sugestão mensal, montado pelas crianças e pregado no mural da biblioteca. É claro que fiquei muito feliz, pois era mais uma mostra de como a arte de contar histórias, como exercício de imaginação, pode provocar o entusiasmo pelo conhecimento.

Como contadora de histórias, tenho trabalhado nestes últimos cinco anos em várias escolas das redes particular e pública do Estado de São Paulo, além de livrarias e eventos culturais.

O trabalho de narração de histórias propicia-me um contato direto com várias instâncias da vida escolar, desde a direção e a coordenação, até o ambiente de sala de aula com as professoras e as crianças e também os pais.

O interessante é que não são apenas as crianças que se envolvem nas atividades, os adultos demonstram um grau de envolvimento surpreendente.

Em várias ocasiões sou abordada por professoras interessadas em aprender a contar histórias e manipular objetos cênicos como bonecos, lenços e pequenos adereços. Em algumas escolas, muitas vezes sou convidada a conhecer suas salas de aula e seus projetos envolvendo temas artísticos. Certa vez, em Campinas (SP), recebi o convite entusiasmado de uma bibliotecária para conhecer a reforma que havia feito na

biblioteca da escola. De fato era o único lugar de toda a escola, feia e malcuidada, que tinha cores nas paredes e um ambiente acolhedor, com almofadas e armários baixos para as crianças manipularem os livros.

Iniciativas como essa, vinda de espíritos inovadores e criativos, mostram-se necessárias e originais; isoladas porém, do ambiente escolar de que fazem parte, perdem força num contexto que não valoriza os aspectos artístico, lúdico e imaginativo do conhecimento.

Esses educadores sentem um verdadeiro entusiasmo quando sabem da presença de artistas na escola e querem compartilhar suas idéias com eles. A imagem que me vem é a de naufragos numa ilha deserta chamando com sinais de fumaça por um resgate que os tire do isolamento.

Comecei então a direcionar meu trabalho também para o público adulto e passei a trabalhar, um pouco receosa e ainda tímida, com grupos de professores, em dinâmicas e cursos de capacitação nas próprias escolas. O retorno tem sido bastante positivo; geralmente os educadores gostam de ouvir histórias e de participar de atividades que envolvam o imaginário, que agucem a fantasia e que os façam "sentir", palavra que ouço constantemente em meu trabalho.

A escola é parte importante da rede social e não pode compactuar com a minimização da essência humana para atender apenas a interesses de um mercado de trabalho competitivo e injusto.

Jacqueline HELD afirma que a leitura do real passa pelo imaginário. Sempre me identifiquei com a palavra imaginário; vejo-a associada aos contos fantásticos, às brincadeiras infantis, à ficção científica, enfim a coisas misteriosas, interessantes e gostosas de se conhecer. Imaginar é uma das coisas que mais gosto de fazer. Quando criança imaginava como eu seria quando eu crescesse ou como havia sido o mundo há três mil anos. E agora, já adulta, continuo a imaginar: imagino cenas, imagino histórias e mundos diferentes, imagino como será a casa que comprarei um dia, como serei bem velhinha...

Parece que imaginar ajuda a razão a concretizar objetivos, numa transposição de imagens que escapam ao tempo cronológico, criando universos paralelos que preenchem nossas idéias de pensamentos projetantes. A imaginação nos revela o real, ultrapassando-o e criando possibilidades do invisível no visível. Tendo o imaginário um potencial criador tão grande e sendo inerente à natureza humana, desde a mais tenra idade, como ignorá-lo, rejeitando-o e negando sua importância? Diz Gaston BACHELARD que "a imaginação tenta um futuro. [...] Existe um futurismo em todo universo sonhado".

"Calímaco nasceu no Norte da África, no início do século III a.C.. Foi ele quem catalogou a famosa biblioteca de Alexandria, no Egito, dividindo-a em estantes (pinakoi) organizadas em oito classes ou assuntos. Foi ele também o primeiro a arranjar os volumes em ordem alfabética. Com Calímaco, a biblioteca tornou-se um lugar de leitura organizado".

(Adaptado de A. Moinguel, 1997, p. 219-220)

Fui constatando ao longo destes anos que a concepção de educação está, cada vez mais, repleta de urgências funcionais que mascaram as necessidades do imaginário e muitas vezes descartam as linguagens artísticas como forma de entendimento e interpretação do mundo, não oferecendo oportunidades para a realização de experiências que possam ampliar a competência simbólica do aluno. A arte, com seu potencial provocador da fantasia e da imaginação, muitas vezes é deixada de fora da sala de aula, surgindo apenas nas aulas específicas de alguma linguagem artística ou em eventos organizados pela escola, quando o artista é requisitado para realizar apresentações e oficinas. Como se a emoção e o estímulo dos diferentes sentidos, através da criação e da fruição estética, não fossem parte importante do processo de aprendizado.

Tenho visto na prática que as atividades artístico-imaginativas podem contribuir para quebrar o caráter meramente informativo da situação em sala de aula, valorizando o convívio coletivo, ao mesmo tempo que possibilitam a auto-descoberta, a liberdade de sentir e experimentar diferentes sensações e emoções muito particulares do imaginário de cada um. Em minhas reflexões como educadora, tenho apostado em todas as práticas que permitem desbloquear e estruturar o imaginário, como contar histórias.

Compartilho da opinião de alguns autores como Herbert HEAD, Jacqueline HELD, Rubem ALVES e Paulo FREIRE, de que a função do educador é de DESPERTAR O PRAZER DE CONHECER, compreender, refletir e aprender, de proporcionar um meio rico e estimulante, instigando a criação, a percepção e o contato com a arte, aguçando a curiosidade de querer conhecer o mundo e as coisas, ampliando as possibilidades cognitivas, afetivas, sociais, sensíveis e criadoras. Vejo o educador como quem inova, ousa e inventa possibilidades para os materiais existentes, fornecendo subsídios para manter os alunos receptivos e sensíveis, para que busquem novas perspectivas, novos modos de ver, ouvir e agir, trabalhando com a capacidade de pensar e de ter idéias originais acerca do mundo.



Enfim, caberia ao educador formar cidadãos autênticos e criativos, em um processo dinâmico e em constante transformação, possibilitando uma identidade histórica, criando condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica e praticando uma educação problematizadora, que não fuja à responsabilidade sócio-cultural.

Não é pouca a responsabilidade que temos, nós educadores!

Poetizar o aprendizado e redimensionar a prática educativa representa a aventura de uma perpétua busca. Aprender não significa ir enchendo nossa mala de conhecimentos até

ela ficar tão pesada que já não possamos carregá-la; aprendizado é crescimento e

evolução, e pressupõe deixarmos pelo caminho aquilo que já não nos serve mais, para assim darmos espaço a novas experiências. Na mala, apenas o necessário para que possamos levantar vôos durante nossa trajetória. A sabedoria requer leveza: leveza para ensinar, para ouvir, para aprender, para entender o outro, para ser compreendido.

Chamaria a isso de "Pedagogia Caleidoscópica": ao se olhar por um pequeno espaço, o que, em princípio, já pressupõe uma diretividade, descobrimos que podemos transformar o que vemos, sendo preciso apenas, de nossa parte, um movimento constante para que surjam contra a luz infinitas combinações de cores e formas, sempre novas, sempre inusitadas, nunca exatamente iguais, porém resultantes das mesmas contas de vidro refletidas nos pedaços de espelho. A imaginação, mesmo tendo substrato arquetípico, é dinâmica e dotada de uma energia projetante, e assim como a racionalidade, é aspecto inerente à construção do conhecimento.

Acredito que o educador tem em suas mãos uma oportunidade preciosa de intervenção da realidade e sua ação sensível e consciente pode contribuir para a melhoria do destino humano.

Defendo aqui a tese de uma nova concepção de PROFESSOR-APRENDIZ que se descubra num constante processo de crescimento, dando formas às suas ações, permeadas de uma intencionalidade construída em íntima relação com seu objeto de estudo e buscando um eixo próprio de formação. Um professor que exercite constantemente seus recursos internos e que perceba como é possível "sentir-se no outro", por reflexão e conscientização das singularidades de cada um e daquilo que todos têm em comum, e não por uma rasa empatia, como pretendem os meios de comunicação de massa e seus estereótipos sociais.

Por isso acredito no caminho da educação como único que leva à existência plena do homem, em seu desenvolvimento como indivíduo e como membro de uma comunidade. E quando falo de educação, falo de uma educação libertadora, que aposte na criatividade e na imaginação como molas propulsoras para a construção de um mundo melhor.

Nos dias de hoje falta-nos espaço para sentir, sonhar e imaginar mundos possíveis, em busca de uma existência mais plena. Contar histórias, usando livros, objetos, música ou apenas a voz transforma o conhecer em algo mágico e gostoso.

Uma história, ao ser contada, suscita mil outras histórias. Ao mergulharmos na narrativa de uma história, podemos ouvir a descrição de uma cidade com muitos detalhes, mas certamente dessa descrição surgirão muitas outras cidades desenhadas pela imaginação de cada ouvinte, e todas passarão a ter existência no universo imaginário. A imaginação é um lugar de muitos ondes!

"Na antiga tradição oriental sufi (tradição esotérica do islamismo), a sabedoria se aloja nas histórias. Quando uma pessoa enlouquecia, chamava-se um contador de histórias para curá-la. Histórias e mais histórias em narradas ao louco até ele recuperar a capacidade de 'pensar o mundo'".
(PRIETO, 1999, p.13)

Ouvir ou ler uma boa história é também um exercício da inteligência, passando pela afetividade, sendo os sentimentos e as emoções também cognitivos, assim como outras formas de percepção. É justamente nesse ponto que entra em cena o fazer artístico como expressão criativa e imaginativa do ser humano.

Imaginação e realidade estão vinculadas por um enlace emocional, existindo portanto uma dimensão afetiva na atividade criadora. A capacidade criadora transforma a realidade e projeta o futuro, pois todo o mundo da cultura é produto da imaginação e da criação humanas. Quanto mais rica a experiência humana, maior a capacidade imaginativa.

O contato direto entre seres humanos parece tornar-se cada vez mais necessário, em contraponto a uma sociedade tecnicista, que isola o indivíduo diante da tela da televisão, do computador, da Internet, facultando assim o convívio social. É a escola tem papel determinante na ação de resgate da convivência social, em prol da emoção, do afeto, do imaginário e da perpetuação de nossa rica bagagem cultural.



Atividades artístico-imaginativas - cantar músicas, ler poesia, montar uma peça de teatro, criar e contar histórias - desenvolvidas num contexto pedagógico, facilitam a aquisição de competências narrativas, culturais, linguísticas, perceptivas, cognitivas, estéticas, reflexivas, fazem com que o aluno armazene conhecimentos por vias indiretas, além de se perceber como ser social, capaz de criar e de se relacionar com os outros. Desbloquear o imaginário e recriar a fascinação é preparar para a vida criativa, é permitir que a criança desabroche em sua potencialidade, tendo dentro de si harmonia, energia, alegria e sensibilidade.

Numa prática educativa transformadora, cabe ao educador criar um meio rico e estimulante, instigando a criação e a percepção, aguçando a curiosidade de querer conhecer o mundo e as coisas; ampliando as possibilidades afetivas, sociais, sensíveis e criadoras, eixos temáticos ligados à formação da CIDADANIA. Cabe a ele oferecer ricas oportunidades de aprendizagem, inventar possibilidades para os materiais existentes e fornecer subsídios para manter os alunos abertos e sensíveis, com idéias germinadoras, para que busquem novas perspectivas, novos modos de ver, ouvir e agir, de conhecer outras épocas e culturas. Cabe ao educador criar condições favoráveis à ativação do imaginário, desbloqueando-o, permitindo que ele se expresse, trabalhando-o a partir de uma situação de impulso, aproveitada ou provocada, para suscitar emoções e gerar imagens, colocando em efervescência o imaginário individual e coletivo, trabalhando com a capacidade de pensar e de ter idéias originais acerca do mundo. E por tudo isso, é importante que o educador tenha a prática e a reflexão no campo do imaginário, e que essa atitude se estenda em suas escolhas pedagógicas, na sua experimentação de campo, programando atividades mais adequadas às necessidades de aprendizagem das crianças.

Portanto, valorizar a capacidade crítica e o potencial criador do aluno, em qualquer área do conhecimento, por meio de atividades artístico-imaginativas, como contar histórias, não se constitui um método, mas uma ATITUDE PEDAGÓGICA.

É de extrema importância, portanto, uma pedagogia da imaginação, em que se busca a formação de indivíduos autênticos e criativos, como um processo dinâmico e em constante transformação, possibilitando uma identidade histórica e criando condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica e, por fim, praticando uma educação PROBLEMATIZADORA, que não foge à responsabilidade sócio-cultural.

A criança está inicialmente disponível e aberta a todas as possibilidades e é muito importante que se desenvolva essa disponibilidade original, essa atitude de liberdade criadora, para formar um cidadão livre, capaz de iniciativas, de invenção, de escolha pessoal, de resistência aos condicionamentos ambientes. A reflexão e crítica passam pelo imaginário, mas é pouco reconhecido seu valor eminentemente formador. A criança deve poder crescer num meio rico em estímulos e impulsos.

Podemos vislumbrar toda a importância de um reconhecimento do imaginário na criança, de sua tomada em consideração e do uso pedagógico e criativo que se possa fazer dele.

Existe uma pedagogia do imaginário: é preciso desenvolvê-la. A imaginação, como a inteligência e a sensibilidade, precisa ser cultivada.

As atividades artístico-imaginativas, aplicadas em qualquer área do conhecimento, possibilitam uma aprendizagem significativa, permitem o experimentar a auto-descoberta, a reflexão crítica a partir de uma unidade pensamento-ação; abrem caminhos para a criatividade, propõem o diálogo e a solução em comum dos problemas e, principalmente, provocam uma AÇÃO CULTURAL de amplo caráter, não restrita apenas à escola.

Portanto é fundamental que os educadores recebam, durante sua formação profissional, orientações e ferramentas necessárias para que desenvolvam projetos que contemplem o exercício do imaginário como meio eficaz de aprendizagem.

Paulo FREIRE, em seu discurso amoroso pela educação, ressalta que uma prática educativa vivida com afetividade não se opõe a uma formação técnica e metodológica séria, pois alegria e sensibilidade não são inimigas do rigor científico. Freire fala de uma "abertura ao querer bem", estendida a todos os âmbitos da educação: alunos, equipes de trabalho, práticas e reivindicações políticas, e afirma que é preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade.



A prática educativa é compartilhada na convivência amorosa de todos os envolvidos, que, imbuídos de uma postura aberta e curiosa, "crescem" juntos.



O ideal seria o professor considerar-se como o fio condutor, como o mestre barqueiro que conduzirá seus alunos através do "mar de histórias".

"Mar de histórias" é a expressão que se usava em sânscrito para se referir ao universo das narrativas.

(PRIETO, 1999, p. 72/23)

Nas próximas páginas vamos falar um pouquinho sobre a arte de contar histórias, e de como nós educadores podemos, com um pouco de treino e bastante vontade, criar momentos em nossas aulas dessa prática educativa cheia de encantamento, falada por Paulo Freire.

ALGUMAS DICAS IMPORTANTES PARA OS CONTADORES DE HISTÓRIAS

Contar histórias é uma arte, e para isso qualquer um de nós pode trabalhar e desenvolver algumas qualidades que fazem toda a diferença na narrativa. O mais importante, porém, é a simplicidade e a naturalidade do contador ao estabelecer uma sintonia com os ouvintes.

Regina MACHADO, educadora, contadora de histórias e também autora do livro *Acordais*, fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias (bibliografia indicada, de leitura obrigatória, na nossa opinião, para todos os educadores que queiram contar histórias em suas aulas) nos diz:

"O dom de contar histórias é, na verdade, um exercício constante, um aprimoramento contínuo de possibilidades internas de ver os mundos de outras formas".

Quanto ao aprendizado de se contar histórias, afirma:

"Quando uma professora fica frustrada porque as crianças não prestaram atenção à sua história, ela precisa saber que isso aconteceu não porque não é dotada, e sim porque não se preparou adequadamente. E que essa preparação é

acessível, desde que certos princípios e pontos de referência sejam estabelecidos para que ela possa trilhar um caminho de aprendizado, não para que se torne uma contadora de histórias excepcional, mas para que possa realizar um trabalho eficiente, que permita que seus alunos se beneficiem com a experiência de escutar histórias". (MACHADO, 2004, p. 73)

Dividimos em alguns itens as dicas que achamos importantes para quem queira contar histórias para crianças ou para adultos, seja em casa, em bibliotecas ou em sala de aula. Boa leitura!

Adequação e Preparação

É sempre bem-vinda a proximidade do contador de seus ouvintes. Isso envolve algumas escolhas, como limitar o número de participantes (não dá para contar histórias para duzentas pessoas sem que se transforme em uma apresentação distante), sentar-se no chão em roda ou em meia-lua (podendo ser sobre um tapete, colcha ou embaixo de uma árvore) e, no caso do espaço disponível ser inevitavelmente muito grande, procurar limitá-lo de alguma maneira, por exemplo convidando as pessoas para que se sentem próximas (cantar uma música ou falar sussurrado funciona). A escolha do local deve privilegiar um ambiente de boa acústica.

Na verdade o ritual de preparação para o início da história já tem a função de criar um ambiente acolhedor e convidativo. O que seria esse ritual? É um convite para a história. E como convidar as pessoas para ouvir uma história? O contador pode se utilizar de vários recursos como cantar uma música, tocar um instrumento, falar um poema, acender uma vela, tirar de um baú ou caixa um pequeno objeto, ou simplesmente concentrando-se ao sentar-se em silêncio, instigando a curiosidade de todos e transformando o espaço para que a história seja recebida.

Exemplo

Quando vamos iniciar uma história, propomos uma brincadeira com as crianças (e às vezes com os adultos também) que é a do *pó de imaginação*: cada um teria um pouco de pó de imaginação guardado em algum cantinho (no bolso, na carteira, na orelha, no sapato). Pedimos então que "peguem" um pouquinho do seu pó de imaginação e o "assoprem", para que o espaço se encha dele. Nesse momento todos podem "ver" o seu pó de imaginação: que cor ele tem, qual o cheiro, o gosto... pronto! As janelas imaginárias se abrem e a história começa.

Repertório

Um bom contador de histórias está sempre pesquisando. Seu repertório pessoal se forma naturalmente pelo simples gosto pela leitura e por sua vontade de conhecimento. Visitar livrarias, bibliotecas, escrever as histórias que ele ouve e gosta, criar histórias partindo de uma observação atenta e sensível do mundo, pesquisar na internet os catálogos das editoras, ler jornais e revistas, mantendo-se informado do que acontece a sua volta: tudo isso é conhecimento, e quanto mais rica a experiência de vida de um contador, melhor será sua atuação. Porém uma rica experiência de vida não significa unicamente um vasto repertório cultural, intelectual ou científico. Não precisamos viajar o mundo inteiro ou ler todos os livros já escritos para sermos bons contadores de histórias. Pesquisar implica, além dos itens já ditos, na intensidade de nossa percepção do mundo, na qualidade de nossa experiência sensível com aquilo que percebemos e vivemos. Existe um conhecimento direto da realidade vivida, a partir de nossa história pessoal e cultural. Todos nós temos uma boa história para contar!

Memória

Sempre que chegamos nesse item em nossos cursos, algumas pessoas pensam em memória como a capacidade que um contador tem de guardar ou decorar várias histórias. E é mesmo. Um bom contador de histórias tem sempre várias delas na "ponta da língua" para qualquer ocasião.

"Em plena virada do milênio, quando um professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um designio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detêm a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória".
(PRIETO, 1999, p.41)

Alguns contadores de histórias são verdadeiras "bibliotecas ambulantes", e costumam ter realmente uma boa memória. Mas não é preciso que decoremos uma história vírgula por vírgula, mas que convivamos com ela, que a tenhamos sempre viva dentro de nós, em imagens, cores, cheiros e emoções compartilhadas com seus personagens. Ao narrarmos uma história somos testemunhas dos acontecimentos, fazemos parte dela.

Jonas RIBEIRO, em seu livro *Ouvidos Dourados*, a arte de contar histórias ...para

depois contá-las... (bibliografia indicada), recomenda que o contador apenas APREENDA A IDÉIA CENTRAL da história, em vez de decorá-la. Um bom contador é fiel à história usando suas próprias palavras, com naturalidade e de um jeito só seu.

Mas memória nos remete também a um outro aspecto: contando uma história, resgatamos a cultura de um lugar, de uma época. É aquela história que nossa avó nos contava e que agora contamos aos nossos filhos que talvez contem aos seus filhos também, e que nos faz lembrar de nossa infância, de pessoas queridas que já se

foram, do perfume que nossa professora usava...
Enfim, um mundo de lembranças.

E esse processo implica também em OUVIRMOS histórias: sejam das pessoas mais velhas, das crianças, seja de nossos vizinhos, de nosso país ou as lendas de outras culturas e civilizações.

Contar e ouvir histórias é um exercício da arte "das memórias": emotiva, histórica, arquetípica, informativa e outras que por ventura sejam lembradas...haja memória!



[...] "um famoso intelectual que sabia muitos clássicos de cor, no período que passou no campo de concentração, oferecera-se como biblioteca para ser lido por seus companheiros de reclusão".
(MANGUEL, 1997, p.83)

Presença

Regina MACHADO fala do "estado de presença" do contador de histórias, e nos pergunta:

"Que qualidade é essa que se apresenta na pessoa do contador de histórias, possibilitando cada ouvinte a um passeio pela sua própria paisagem interna, enquanto passeia pela paisagem da história, tendo como guia a voz do contador?"

E continua:

"Podemos começar a pensar sobre essa qualidade dizendo que um bom contador de histórias vive em determinado "estado" que tem o efeito de produzir em quem o escuta uma experiência estética singular.

[...] A presença é feita de intenção, ritmo e técnica. Um bom contador de histórias, guiado pela ação interligada desses três fatores, exercita habilidades pessoais - RECURSOS INTERNOS -, combinadas com amplo repertório de informações disponíveis - RECURSOS EXTERNOS -, enquanto vai polindo e conquistando, ao longo da vida, a QUALIDADE DA PRESENÇA".
(MACHADO, 2004, p. 68)

A presença do contador de histórias está na sua postura de respeito pelo que está fazendo, em sua entrega pessoal às histórias, ao se deixar envolver pelas emoções, pelas imagens que vão preenchendo o espaço imaginário criado pela sua voz, seus gestos, seu olhar. É o fio de sua narrativa que conduz suavemente cada ouvinte, tecendo a história como uma renda que a todos envolve. É a poesia que se faz presente, poesia enquanto concretização da beleza. E o contador de histórias virou poeta...

Olhar, corpo e gesto

O olhar do contador estabelece um vínculo com seus ouvintes. O "olho no olho" é fundamental, é com olhar que o contador "pesca" seus ouvintes. Não é um olhar inquisidor, que impõe a atenção de todos de maneira constrangedora, mas um olhar sedutor, que atrai e instiga a curiosidade, que traduz uma intenção. O olhar também fala e torna visível o invisível. Por exemplo: em certo momento da história o contador tira de seu bolso um lenço de tecido leve de cor suave, movimentando-o delicadamente, dando a idéia de um vôo. E um belo pássaro surge diante dos olhos de todos. Como isso acontece? Mágica? Truque? Não, encantamento! Encantamento produzido pelo olhar do contador que vê no lenço o pássaro. E mais: entra aí a qualidade do gesto, a suavidade com que o lenço é manipulado, dando a idéia de vôo. Um gesto, por mais simples que seja, é carregado de significações, por isso sugerimos sempre a economia de gestos, o que potencializa a expressividade corporal do contador. Não é preciso que fique o tempo todo gesticulando ou andando de um lado para o outro para prender a atenção dos ouvintes. O contador pode manter-se durante toda uma história apenas sentado, desde que a qualidade de seu olhar e de seus gestos seja carregada de emoção e de intencionalidade. Sua postura corporal também é importante: manter a coluna ereta, não ficar balançando os pés nem coçar o nariz durante a narrativa, ou ficar arrumando os cabelos a cada minuto.

Todos esses cuidados mostram uma atenção do contador de histórias com seu mais importante instrumento de trabalho: seu corpo. O contador atua de "corpo e alma", deixando assim a marca de sua presença nas histórias que conta.

Voz

A voz assume máxima importância no ofício do contador de histórias. Ela é o veículo do texto a ser contado. São necessários alguns cuidados como boa dicção, linguagem adequada e evitar o uso de "vícios de linguagem" ("e daí", "pegou e foi", "tipo assim", etc.).

O contador de histórias não pode peder de vista que através de sua voz detém o poder "encantatório" da palavra.



Uma narrativa interessante, que envolva a todos, se faz com o uso de recursos vocais de modulação de voz (sons mais graves e mais agudos), variação de intensidade (falar mais alto e mais baixo), onomatopéias bem empregadas (som do vento, da chuva, do relógio, etc.). Essas variações vocais dão movimento à palavra e ritmo à narrativa.

Pausa e Silêncio

Silêncio nem sempre é sinônimo de vazio. As pausas e os silêncios também criam "climas" na narrativa, que podem ser de suspense ou de dúvida, de surpresa, de tristeza... O silêncio vindo de um olhar expressivo, ou de um gesto significativo, pode dizer muita coisa, pode mesmo ser a chave de toda uma história, ou aquele mistério que deixa algo suspenso. Não precisamos estar falando o tempo todo, achando que só assim prenderemos a atenção das crianças ou de quem esteja ouvindo. Uma música é feita de sons e de silêncios, havendo pausas entre as notas musicais. As histórias também são assim, e, como o contador, às vezes precisam "respirar". Existe também o que chamamos de "qualidade do silêncio" da platéia. São aqueles momentos em que o envolvimento de todos com a narrativa é tão intenso que deixa "no ar" um silêncio cristalino. É quando o contador está no pleno domínio de sua narrativa.

Música

Ao ser utilizada a música complementa a narrativa, estimulando a audição de maneira diferente do texto. Pode ser abordada como música de cena, para criar "paisagens sonoras", ou seja, o "clima" das histórias (alegre, triste, de suspense, de sono e outros), dialogando com o contador. A presença dos instrumentos musicais é bastante enriquecedora, mas não é obrigatória. A própria voz, as palmas, o estalar de dedos, bater nas pernas e ruídos feitos com a boca são algumas alternativas para se fazer música. A vivência musical facilita objetivos específicos em atividades pedagógicas. Essas atividades são inúmeras e usando a imaginação o contador criará vínculos muito interessantes com as histórias, sugerindo a interação das crianças. Como exemplo temos os jogos de estímulo à atenção (de acordo com o andamento rápido ou lento da música, as crianças correm, andam lentamente ou se expressam com um gesto combinado, explorando a locomoção), os jogos de percepção musical (perceber os sons do ambiente, reconhecer as diferenças entre os sons graves e agudos, repetir os sons produzidos pela voz ou instrumentos) e a criação de pequenas melodias utilizando-se o texto das histórias. O repertório musical selecionado deve ser adequado à realidade da faixa etária com a qual se vai trabalhar; no caso de canções é importante o uso de um vocabulário compreensível pelas crianças, podendo-se esclarecer algumas dúvidas que surjam relacionadas ao significado das palavras.

O caminho inverso também é uma atividade muito valiosa: a partir da audição de uma música, imagens internas são despertadas e podemos então criar e escrever uma história, seus personagens, a descrição de lugares nos quais nunca estivemos, mas que surgem em nossa mente de maneira tão viva que é como se realmente já tivéssemos passado por lá. E quem disse que não?

Ao ouvirmos com mais atenção nosso repertório musical, descobriremos que algumas letras são pequenas histórias cantadas.

Participação dos ouvintes

É importante que o contador de histórias não se iluda, pensando que nunca será interrompido, e que poderá seguir sua narrativa sem dar atenção às reações e comentários dos ouvintes, principalmente em se tratando de crianças. Contar histórias pressupõe um CONTATO DIRETO e exige do contador uma abertura ao IMPREVISÍVEL. Tudo pode acontecer. Geralmente contamos histórias em ambientes que sofrem, de alguma maneira, intervenções externas, como barulho de carros, cachorro latindo, pessoas passando. Por que não incorporar esses elementos, de maneira natural, à nossa narrativa? Quanto aos ouvintes, nossa sugestão é que o contador instaure um clima de cumplicidade e, quando sentir que é conveniente, até os convide a colaborar com o a narrativa, sugerindo nomes, uma solução para um problema ou cantando uma música. Isso exige muito jogo de cintura para que não se perca o "fio da meada". É mesmo um jogo de "pigue-pongue", e o contador precisa ser um ótimo rebatedor!

"O olhar que se dirige apenas para a utilidade das coisas é característico da nossa civilização ocidental. precisamos nos lembrar da PERCEPÇÃO FLEXÍVEL que tínhamos quando crianças porque, como adultos, nos habituamos a nos valer apenas desse tipo de OLHAR FUNCIONAL, como se fosse o único de que dispomos".
(MACHADO, 2004, p. 88)

Recursos de animação e livro

Regina Machado, ao tratar da animação de objetos na contação de histórias, nos remete ao que ela chama de "eficiência poética" no jogo criado pelo contador. Sendo esse jogo um convite ao imaginário, objetos de uso cotidiano transformam-se em adereços de qualidades expressivas inteiramente novas e inusitadas. A autora chama esse exercício imaginativo de "virar o olho" e afirma:

"Essa naturalidade de virar o olho e conferir vida a objetos inanimados ou formas da natureza precisa ser reconquistada para o exercício da eficiência poética. [...] Você seria capaz de conversar com um espanador? Mesmo que sua resposta seja negativa, digo-lhe que sim. Desde que você se lembre de virar o olho e se disponha a considerar: Que objetos e formas da natureza têm qualidades, como tamanho, dimensões, cores, direção de suas linhas estruturais no espaço, peso, textura, cheiro, movimento, densidade, equilíbrio; e expressam qualidades de outra ordem, como mistério, humor, respiração ou pulsação, rispidez, calma, delicadeza, nervosismo, altivez,

descontração, desleixo, nobreza. São qualidades que a eles atribuímos a partir de suas características estruturais, que revestimos com nossas ressonâncias pessoais.

[...] Um cabo de guarda-chuva prateado encrustado de pedras coloridas no punho pode ser uma rainha, um lenço de seda azul pode ser uma princesa, um novelo de lã pode ser uma ovelha, um rastelo pode ser um rei". (MACHADO, 2004, p.90-91)

Lembrando que a animação de objetos, para ser eficiente, precisa estar aliada aos demais itens aqui já citados.

Quanto ao uso do livro é interessante que o contador explore ao máximo suas qualidades intrínsecas: as figuras, seu tamanho, sua forma, sempre levando em conta que a história contada está nele escrita. O livro quando presente na narração da história reforça o gosto pela leitura e o deslumbramento pela literatura. Quando o contador trabalha com o livro é importante que conheça o texto previamente para que não o leia o tempo todo, a não ser que assuma ser uma leitura da história. Os livros ilustrados (principalmente os infantis) já "puxam pela memória" do contador, que só de bater o olho nos desenhos desenrola sua narrativa.



As dicas aqui brevemente expostas podem contribuir muito para o aprimoramento daqueles que têm vontade de contar histórias. Cada item se relaciona com os demais e nenhum é mais importante que o outro; é o exercício atento, entre acertos e erros, de todos eles em conjunto, que aprimora a arte de contar histórias. Entramos por uma janela e abrimos a outra, quem quiser que conte outra...

Indicações de livros

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil, gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995.

_____. *O professor não duvida! Duvida?* São Paulo: Ed. Gente, 1998.

_____. *Quem educa quem?* São Paulo: Summus, 1985.

AGUIAR, Vera Teixeira de. *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

AMARAL, Ana Maria. *Teatro de formas animadas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Lições de Feitiçaria*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Livro sem fim*. São Paulo: Loyola, 2000.

AQUINO, Julio Groppa. *Diálogos com educadores, o cotidiano escolar interrogado*. São

Paulo: Moderna, 2002.

ASSMANN, Hugo. *Metáforas novas para reencantar a educação*. Piracicaba: Unimep, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BERALDO, Alda. *Trabalhando com poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *A construção amorosa do saber: o fundamento e a finalidade da pedagogia simbólica junguiana*. São Paulo: Religare, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

_____. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

DUARTE JR, João-Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

DUBORGEL, Bruno. *Imaginário e pedagogia*. Portugal: Horizontes pedagógicos, 1992.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. *Conscientização*. São Paulo: Ed. Moraes, 1980.

_____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GILLIG, Jean-Marie. *O conto na psicopedagogia*. Tradução de Vanise Dresch. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Olhar de descoberta*. São Paulo: Mercuryo, 1996.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder*. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

HORTON, Myles, FREIRE, Paulo. *O caminho se faz caminhando*. Petrópolis: Vozes, 2003.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOLIBERT, Josette. *Formando crianças produtoras de textos*. Tradução de Walkiria M. F. Settineri e Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *Formando crianças leitoras*. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?* São Paulo: Cortez, 2000.

LOBATO, Monteiro. *A reforma da natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 2001.

MANGUEL, Alberto, GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de lugares imaginários*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

MARCHAND, Max. *A afetividade do educador*. São Paulo: Summus, 1986.

MATURANA, Humberto R., VARELA, Francisco J.. *A árvore do conhecimento, as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MIGUEZ, Fátima. *Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula*. Rio de Janeiro: Ed. Zeus, 2000.

MIRANDA, Simão de. *Escrever é divertido: atividades lúdicas de criação literária*

Campinas: Papyrus, 1999.

_____. *Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários. Volume II.* Campinas: Papyrus, 2000.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro.* São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *A inteligência da complexidade.* São Paulo: Peirópolis, 2000.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (coord.). *A educação artística da criança, plástica e música.* São Paulo: Ática, 1986.

PORCHER, Louis. *Educação Artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1984.

POSTIC, Marcel. *O imaginário na relação pedagógica.* Tradução de Mário José F. Pinto. Portugal: Edições Asa, 1992.

PRIETO, Heloísa. *Quer ouvir uma história? Lendas e mitos no mundo da criança.* São Paulo: Ed. Angra, 1999.

READ, Herbert. *A redenção do robô.* Tradução de Fernando Nuno. São Paulo: Summus, 1986.

RESTREPO, Luis Carlos. *O Direito à Ternura.* Petrópolis: Vozes, 1998.

RIBEIRO, Jonas. *Ouvidos dourados, a arte de ouvir histórias para depois contá-las.* São Paulo: Ed. Ave-Maria, 1999.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia.* Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

YUNES, Márcio Jabur. *Técnica ou poética, eis a questão!.* São Paulo: Moderna, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola.* São Paulo: Global, 1998.

_____, LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos.* São Paulo: Global, 1993.



Contato com os Autores

(11) 5548-3602

e-mail: tipzor@tipzor.com.br

Vanessa Valente

arte-educadora e contadora de histórias

Marcel de Oliveira

arte-educador e violinista



Instituto Brasil Solidário

Av. Jorge João Saad, 241 - 1º andar - São Paulo - CEP 05618-000

(11) 3791 - 0015 - www.brasilsolidario.org.br